

PROCESSO DE CANONIZAÇÃO X CANTO DE MULHERES DO MMTR: NÃO AO SILENCIAMENTO CONSENTIDO.

Sirlai Gama de Melo¹

Resumo: O trabalho tem como objetivo apresentar como ocorre o processo de canonização na literatura, mostrando que nesse processo há uma seleção e exclusão de autores e obras. Como um dos exemplos dessa exclusão, têm-se as obras de autoria feminina, algumas vezes iletradas e que usam a oralidade para propagar sua cultura. Entretanto, com o passar dos anos, as mulheres passaram a lutar contra esse cenário e contra sua posição de silenciadas, produzindo obras literárias e buscando fazer com que suas vozes sejam ouvidas. Como exemplo dessa luta por reconhecimento, o presente artigo traz dois cantos do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais – MMTR, de Inhambupe-BA, que usam tais cantos para reivindicar e mostrar a mulher como aquela politizada e autora de sua própria história. Para fomentar a discussão a respeito do tema são apresentadas algumas ideias defendidas por Roberto Reis (1992), Zahidé Muzart (1995), Jonathan Culler (1999), Jailma Moreira (2016). Portanto, percebe-se a necessidade de colocar essas obras femininas no espaço acadêmico como objetos de estudo e como tema para ser discutido e apresentado ao público, fazendo com que tais obras já não permaneçam às margens da literatura.

Palavras-chave: Cânone literário, Cantos do MMTR, Mulheres rurais.

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto que toda cultura é formada por um conjunto de saberes e esses por vezes são textualizados, a linguagem acaba tomando um lugar de mediação entre o indivíduo e a realidade, fazendo com que essa seja representada através dos signos linguísticos. Roberto Reis (1992) salienta que em qualquer formação cultural os dirigentes usam as formas discursivas e as ideologias contidas nelas para assegurar seus domínios, ou seja, a linguagem acaba tomando outro conceito que é o de poder, que consiste basicamente na ideia de que “quem detém a linguagem, detém o poder”. Além

¹ Graduanda do 8º semestre do curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: sirlaigama@gmail.com

disso, todo texto contém ideologias, e o que é dito depende de quem fala no texto, de qual lugar sócio-histórico esse sujeito fala.

Nessa perspectiva, a literatura passa por vezes a ser encarada como uma ideologia que reforça a divisão social e tende a transformar o discurso de uma pequena classe em discurso de toda a sociedade. Exemplo disso é a história literária brasileira que comumente dá mais voz para a parte hegemônica da sociedade, tudo que difere disso permanece em silêncio, fazendo com que as ideologias usadas pelas camadas dominantes continuem exercendo o poder, e toda manifestação de diferença ou contra essas ideologias, costuma ser excluída do sistema literário vigente. Como Roberto Reis (1992) destaca que a literatura acaba concordando e veiculando as ideologias das classes dominantes, e que por isso, o critério utilizado para se questionar um texto literário não pode passar despercebido que foram indivíduos dotados de poder que atribuíram aquele texto como literário, começando assim o processo de canonização.

Em se tratando de cânone, o próprio conceito está intimamente ligado ao princípio de seleção e exclusão, por conta disso não pode estar desassociado à questão do poder, já que os mesmos que selecionam e excluem possuem certa autoridade para fazer tal coisa, e fará de acordo com seus interesses, sejam eles de classe ou de cultura. Na literatura, o cânon significa um conjunto de obras, normalmente formado pelos clássicos dos grandes mestres literários, sendo um patrimônio da humanidade, essa que costuma ser na verdade fechada e restrita, e esse patrimônio deve ser preservado pelas futuras gerações, como salienta Roberto Reis (1992). Esses clássicos comumente são enxergados como verdades inquestionáveis e que fornecem um exemplo a ser seguido pelas demais obras literárias, o que fugir disso poderá não ser encarado como uma boa literatura.

Dessa forma, a literatura pode reforçar as fronteiras e barreiras culturais, ocasionando até mesmo divisões no interior da sociedade, prova disso são obras ditas como canônicas, mas que não representam nem retratam vários grupos sociais, étnicos e sexuais, ou seja, as obras que compõem o acervo do cânon literário não representam outras culturas além daquelas que convém aos dominadores do poder, que na maior parte das vezes são letrados e alfabetizados.

Diante desse cenário, surgem assim os estudos culturais, que segundo Jonathan Culler (1999, p.51) “são movidos pela tensão entre o desejo de recuperar a cultura popular como a expressão do povo ou de dar voz à cultura de grupos marginalizados, e o estudo da cultura de massas como uma imposição ideológica, uma formação ideológica opressora”. Isso se faz importante porque colocará em evidência a cultura das pessoas comuns, como são suas realidades e o que elas têm que enfrentar em seu cotidiano. Porém, esse processo pode mostrar como as pessoas são ou não conformadas ou manipuladas pelas forças culturais dominantes e pelas ideologias subjacentes a ela.

Ainda segundo Culler (1999), os estudos culturais surgiram em oposição aos estudos literários concebidos tradicionalmente, em que as obras eram interpretadas como uma promoção de seus autores e o estudo da literatura era justificado apenas através da beleza estética da obra e quais benefícios poderiam trazer para o leitor. Entretanto, hoje em dia, a sociedade ou aqueles que detêm o poder para tal coisa, costumam selecionar obras que representam algo para eles. E nesse sentido, as encaradas como melhores obras são escolhidas. Isso faz emergir a discussão de que essas escolhas possuem um interesse camuflado, que acaba fazendo com que essas obras sejam encaradas como padrão a serem seguidas, e o que foge do padrão é simplesmente desvalorizado, como apresentado anteriormente.

Rita Schmidt (1991, p.2) acredita “que pensar historicamente a constituição das histórias da literatura brasileira significa pensar os limites de seus modelos, e no caso em questão, pensar a partir de questões de gênero”. No decorrer de todo processo literário brasileiro, a canonização esteve presente em todos os momentos, e consequentemente, houve a exclusão de obras que pudessem representar mulheres, negros, índios, de uma forma geral, grupos marginalizados pela literatura. Nesse artigo, trataremos como um dos exemplos dessa exclusão as obras cujas autoras são mulheres, algumas vezes iletradas e que usam a oralidade para propagar sua cultura. As mulheres rurais são ainda mais excluídas diante do cenário literário onde prevalecem e privilegiam as escritas de homens, principalmente os participantes da classe dominante ou que concordam com os discursos propagados por tal classe.

A sociedade acabou enraizando a binariedade feminino x masculino de uma forma que o feminino acabou se tornando o lado visto como mais frágil e excluído de

certas áreas da sociedade. Tanto que a mulher não era vista como alguém racionalizada e que poderia disseminar algum discurso, ou seja, as mulheres não eram reconhecidas como seres representativos da história e da cultura. A literatura constitui-se também como uma área na qual a comunidade feminina tem sofrido com a exclusão, no sentido de não serem evidenciadas obras escritas por mulheres, consequentemente percebe-se que diante do cenário literário são priorizadas obras de cunho masculino, o que demonstra o patriarcado presente ainda nos dias atuais.

Entretanto, com o passar dos anos, as mulheres começaram a lutar contra suas posições de silenciadas, até porque esse silenciamento era algo imposto por parte da sociedade, então elas começaram a produzir suas obras literárias e a buscar fazer com que suas vozes fossem ouvidas. Isso colaborou para que algumas pesquisas fossem feitas nessa área, com o objetivo de recuperar as obras de escritoras brasileiras do passado e colocar em destaque o silenciamento das histórias de literatura brasileira sobre a autoria feminina. É o que veremos a seguir: uma das formas pelas quais as mulheres lutam para terem suas vozes ouvidas e reconhecidas.

DESENVOLVIMENTO

Como já foi abordado anteriormente a respeito dos estudos culturais, é importante salientar que esses estudos visam mostrar “em que medida somos manipulados pelas formas culturais e em que medida ou de que maneira somos capazes de usá-las para outros propósitos” (CULLER, 1999, p.51). Esse artigo tem como objetivo ressaltar a produção de mulheres rurais, logo acaba sendo um estudo de uma determinada cultura produzida por um grupo da sociedade, sendo que esse por vezes acaba não recebendo a devida atenção nas demais áreas do conhecimento. Então, essa produção de mulheres rurais é uma cultura de cunho popular, mas não deixa de ser uma cultura de massa, na medida em que faz uso dos recursos que são contra ela e usam tais recursos para se mobilizarem e transformarem-se em uma cultura de luta usando sua criatividade para demonstrar e fazer valer seu direito à voz.

Com relação a isso, convém destacar mais uma vez que a mulher era vista como aquela que não detém o poder da razão, que era algo característico e marcante no

homem, o que conferia a mulher o lugar na sociedade para aquela responsável apenas em cuidar dos afazeres domésticos, dando atenção aos filhos e cumprindo a vontade dos maridos. As mulheres ficavam à sombra destes, como disse Maria Helena Leys em palestra intitulada “Histórias, lutas e conquistas do MMTR de Inhambupe: desconstruindo/construindo a identidade da mulher trabalhadora rural” realizada na UNEB-Campus II, ela comenta que parte das mulheres, principalmente as rurais, quando possuíam algum bem material passava de imediato para o nome do marido, algumas delas por não terem documento chegava a tal ponto de indagar para o marido qual era seu nome. As mulheres não eram emancipadas, pelo menos parte delas. O papel da mulher não era de propagar discursos, mas apenas de procriar.

Por não serem vistas como sujeitos produtores de discurso, as mulheres eram deixadas às margens da literatura que só se dedicava em canonizar aqueles autores que viviam circulando em grupos sociais de renome, que tivessem boas condições financeiras, e de uma forma geral aqueles que estivessem no topo da pirâmide social. E nesses lugares a mulher não possuía o direito de posicionar-se a respeito de algum assunto. Para a mulher rural essa exclusão era ainda mais acentuada. Então, a literatura ao invés de dar espaço de visibilidade para essas mulheres que também faz parte do contexto real, o campo literário só dava vez para personagens femininos escritos por autores masculinos, enquanto as produções de autoria feminina eram recalcadas, marginalizadas e reprimidas.

Contudo, percebe-se que por meio de pesquisas estão sendo mostradas algumas obras de autoria feminina, mostrando que mesmo diante de um cenário literário excludente, as mulheres produziam sim, porém devido à dificuldade de reconhecimento, acabaram não tendo a oportunidade de publicarem suas obras. Como Andréa Silva (2014) em um dos tópicos de sua dissertação intitulada “Relações de gênero na cantoria: sobre cantadoras e cantadores”, a autora discorre que os homens não aceitavam concorrer com uma mulher repentista somente pelo fato dela ser mulher, ou seja, as mulheres também não podiam publicar somente por serem mulheres.

Com tudo isso, a mulher sempre se mostrou com força suficiente para ir além daquilo imposto pela sociedade. Como exemplo dessa mulher que vai à luta em busca de seus direitos, de reconhecimento e de fazer sua voz ser ouvida, é demonstrado aqui

dois cantos do MMTR – Movimento de Mulheres Rurais de Inhambupe – BA. O MMTR é um movimento nacional que nasceu na década de 80 a partir das reflexões e do intercâmbio de trabalhadoras rurais dos estados de Pernambuco e Paraíba, tendo como objetivo superar as dificuldades existentes nas relações de gênero. O movimento conseguiu se tornar institucional e com isso faz uso de programas e projetos para capacitar trabalhadoras rurais com uma proposta de educação que visa aumentar a autonomia das mulheres, transformar a mentalidade de submissão e combater todo tipo de discriminação e preconceito.

A educação utilizada pelo MMTR valoriza o saber das mulheres rurais, seu modo de ser, suas crenças e seus valores, e seu conhecimento político para que assim possam produzir um conhecimento crítico da realidade e sejam possibilitadas para intervir na transformação da sociedade. Na cidade de Inhambupe a líder do movimento é Maria Helena Leys, além dela o movimento conta com um bom número de mulheres, não somente senhoras, bem como as jovens que se sentiram atraídas pela cultura do movimento e pelo seu sentido politizador e emancipatório. Algumas dessas mulheres participantes não sabem ler, porém entoam os cantos que são escritos pelas que sabem escrever e repassam para aquelas que não são alfabetizadas. Contudo, percebe-se que o não saber ler e escrever não é impedimento para que essas mulheres tenham conhecimento de mundo e estejam se emancipando. O primeiro canto selecionado para esse estudo foi:

OLÊ MARIÊ. OLÊ MARIÁ (4X) MULHER SAIA DA COZINHA
VEM OCUPAR O TEU LUGAR

A lei do machismo, vem mulher revirar
Se não fazes a tua parte esta lei vai dominar (2X)
Mulher frágil era um ditado, para menos te tornar
Mas quem viu revolução sem mulher funcionar
Mulher não deixa esta canga no teu corpo a machucar
Vem enfeitar o teu pescoço, prende nele um colar.

O canto acima mostra uma representação de mulher rural completamente diferente daquela existente no contexto social brasileiro de antigamente e que ainda perpassa no inconsciente de muitas pessoas ainda nos dias atuais, que é de uma mulher trabalhadora rural que sempre está com a enxada em uma das mãos, com o lenço na cabeça, cuidando dos filhos, preparando a comida num fogão à lenha. Essa narrativa se faz antiquada quando encaramos um canto como esse. Essas mulheres rurais de Inhambupe tem o desejo de mudar a perspectiva de vida das demais mulheres que acreditam que só servem para administrar uma casa, tentando fazê-las entender que basta um posicionamento para que cada uma possa construir sua própria história e conquistar sua independência.

Traz a tona que se a mulher não tomar uma atitude, a lei do machismo pode dominá-la sempre, e a visão de mulher como aquela que só serve para deleite sexual e procriação irá permanecer. Busca mostrar para as mulheres que a fragilidade foi algo imposto pela sociedade para que elas permanecessem num lugar de subordinadas ao homem, sem poder demonstrar seus interesses e lutarem pelos seus ideais, justamente por serem encaradas por frágeis, mas na verdade apenas para manter o domínio masculino sob essas mulheres, como Jailma Moreira (2016) abordou em sua obra que os pais e maridos não queriam que as filhas/esposas aprendessem a ler porque isso iria significar que elas iriam ter acesso a uma possível emancipação sob si mesmas, e isso iria acarretar o término do domínio deles sob elas, a mesma coisa acontece com a fragilidade imposta. O canto ainda pretende fazer com que a mulher não mais permita que as cargas e imposições da sociedade permaneçam machucando-a e impedindo-a de serem completas no ser mulher, que vai além dos afazeres do lar. Já o segundo segundo canto escolhido foi:

ESTA LUTA NÃO É FÁCIL MAIS VAI TER QUE ACONTECER
A MULHER ORGANIZADA TEM QUE CHEGAR AO PODER

Vamos juntas companheiras, vamos botar pra valer
Vamos quebrar as correntes do machismo e do poder
Sem a mulher neste mundo seria triste demais

Não nascia gente nova e o mundo não tinha paz
A mulher nasceu pra ser pelo homem bem amada
Ser amiga e companheira e não para ser discriminada
Somos Gente, somos força, temos que ter igualdade
Ao lado dos homens fortes, transformar a sociedade
Vamos conquistar o espaço, que termos no mundo para nós
Chefiar os sindicatos e na política ter a voz.

Nesse canto, as cantadeiras continuam incentivando a mulher a se emancipar e tornar seu lugar mais ativo na sociedade. Voltam com a iniciativa de querer acabar com o machismo e dessa vez acrescenta também as correntes do poder que marginalizam as mulheres deixando-as numa posição de inferiorizadas e reprimidas. Além disso, mostra que a mulher pode sim ter a função de procriar, que ela é mais sensível se comparada ao sexo masculino. O que é algo característico nesse canto é trazer a mulher numa visão lutadora, mas também sensibilizada e harmoniosa, que era como os escritores escreviam a respeito das mulheres, sempre como essa visão romantizada, porém nunca politizada. Então, o canto evidencia que as mulheres têm força, e que buscam pela igualdade, que até então ainda não é algo alcançado, pois as mulheres obtiveram sim, com muita luta, muitos direitos, porém ainda não possuem as mesmas oportunidades e igualdades em relação ao gênero masculino.

As cantadeiras demonstram que a união dos gêneros podem transformar a sociedade num ambiente melhor de si viver. Mas, que as mulheres têm que conquistar seu espaço nessa sociedade, possuírem o direito de chegarem ao poder das instituições, pois, obviamente, esses lugares não deveriam ser apenas reservados para homens. Com isso também, o canto é finalizado com o desejo de terem as vozes sendo ouvidas no cenário político, lugar em que ainda prevalecem os homens.

Portanto, com base nesses dois cantos, toda visão equivocada a respeito das mulheres rurais podem ser revistas, basta que sejam divulgadas tais obras para que as narrativas a respeito dessas mulheres sejam alteradas e suas vozes reconhecidas como produtoras de um discurso de parte da sociedade que por muitos anos permaneceu

silenciada e marginalizada, e inclusive pela literatura através da exclusão de tais cantos do cânone literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo foi iniciado trazendo para discussão que em toda cultura são apresentados discursos ideológicos e que esses discursos se perpetuam e se disseminam através das classes dominantes que estão sempre em busca de se manterem no poder. Essas classes interferem até mesmo no campo da literatura ao fazer emergir obras que concordem e divulguem seus ideais, e excluir do contexto literário todas as obras que vão contra aquilo que para tal classe deve ser encarado como verdade absoluta, mesmo que ela só represente a menor parte da sociedade. Ou seja, ficou claro que o processo de canonização está intimamente ligado a questão de poder.

Foi abordado a respeito dos estudos culturais como meio de evidenciar autoras e obras marginalizadas pela literatura, além de ter sido apresentado sobre a relação binária entre o gênero masculino x feminino, no qual o último é encarado como aquele que não pode deter a razão e muito menos ser produtora de discurso. Em contrapartida, foi apresentada uma visão de mulher politizada, como aquela que não mais quer permanecer na posição de silenciada, e com isso abordou-se dois cantos de mulheres do MMTR, mostrando quais principais objetivos do movimento e como ele tem sido importante na vida das mulheres rurais.

O canto de mulheres pode não ser evidenciado pelo simples fato de não ser totalmente oriundo de uma cultura escrita, já que parte das mulheres não sabem escrever e quem redige os cantos são aquelas que tem um conhecimento da escrita, porém isso nunca foi desculpa para que os cantos não existissem, mesmo diante de um cenário que marginaliza a oralidade, os cantos eram e são propagados com toda força pelas mulheres rurais e por todas adeptas ao Movimento. Mas o que traz desconforto nessas mulheres é o fato de não terem suas obras reconhecidas e valorizadas pela literatura e com base em todos os estudos feitos, foi constatado que algumas instituições como, por exemplo, as universidades, insistem em ensinar apenas a leitura de obras clássicas canonizadas e acaba reproduzindo e reafirmando a exclusão de obras que retratam algum grupo da

sociedade, como por exemplo, a representação das mulheres trazidas em suas obras e em seus cantos.

Faz-se necessário rever aquilo que é visto como politicamente correto de ser ensinado e trazer para as instituições acadêmicas representações mais realistas de grupos que já estão cansados de serem marginalizados e reprimidos pela sociedade e pela literatura. Trazer uma nova visão de mulher, politizada, produtora de seu próprio discurso, detentora também do saber, e não somente aquela destinada aos afazeres domésticos e a função de procriar. Não estamos falando em esquecer as obras masculinas, mas apenas permitir que essas mulheres rurais tenham suas vozes legitimadas e reconhecidas dentro do espaço acadêmico e dessa forma seja um pontapé inicial para a transformação de pensamento que a sociedade tem sobre esse grupo.

É preciso que as mulheres sejam encaradas como aquelas capazes de chegarem onde quiserem, de não mais olhar com surpresa quando ver alguém do gênero feminino ocupando posições de destaque onde dantes só eram destinadas aos homens. A universidade pode e deve permitir através de seus estudos que a mulher não mais carregue essas cargas de serem vistas como incapazes, a universidade é o lugar de fazer emergir com urgência o canto das mulheres do MMTR, a universidade é o lugar de fazer ouvir a voz daquelas que há muito tempo já foram silenciadas, mas que agora grita por igualdade e por reconhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. **Gênero, negociações políticas e espaço discursivo**. In: Sob a luz de Lampião: Maria Bonita e o movimento da subjetividade de mulheres sertanejas. Salvador: EDUNEB, 2016, p.175-190.

MUZART, Zahidé. **A questão do cânone**. Santa Catarina: Anuário de literatura 3, 1995, p.85-84.

REIS, Roberto. **Cânon**. In: Palavras da Crítica. Rio de Janeiro: Imago, 1992. Disponível em: https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3007/C_NON_-_roberto_reis.pdf

SCHMIDT, Rita. **A história da literatura tem gênero? Notas do tempo (in)acabado de um projeto.** Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS. 1991. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/x-sihl/media/mesa-7.pdf>

SILVA, Andréa Betânia da. **Relações de gênero na cantoria: sobre cantadoras e cantadores.** In: Entre pés-de-parede e festivais: rota(s) das poéticas orais na cantoria de improviso. Salvador: Sistema de bibliotecas da UFBA, 2014, p.107-130. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/.../VOLUME%201%20PARA%20DEPÓSITO%20NO%20BR>

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite.** São Paulo: LeYa, 2015, p.9-13. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=jess%C3%A9+souza&btnG=&lr=lang_pt&oq=jess